

**Novena do P.
Francisco Libermann
2023**



**MISSÃO ESPIRITANA
2022 - 2024**

**Novena para o dia de
Libermann**

2 de fevereiro de 2023

Novena do P. Francisco Libermann

(24 de janeiro a 1 de fevereiro de 2023)

Introdução: *A Regra Provisória do Sagrado Coração de Maria* (1841).

Em 1840, Francisco Libermann esteve em Roma com vista a que a criação de uma nova sociedade missionária fosse aceite e reconhecida, especialmente pela “Obra dos Negros”. Encontrava-se num ponto de viragem na sua vida. Até então, tendo passado a sua infância e adolescência no ambiente judeu de Saverne, tinha visto a sua vida virada do avesso primeiro pelas ideias do século, depois pela sua adesão a Cristo. Esta descoberta levou-o a procurar entregar-se inteiramente a Cristo no contexto da vida sacerdotal. Tendo tido a sua formação interrompida devido à sua doença, permaneceu no meio da formação religiosa, primeiro em Issy-les-Moulineaux no meio sulpiciano, ajudando, particularmente, no acompanhamento espiritual, depois como mestre de noviços para os Eudistas em Rennes. O apelo da missão levou-o a deixar Rennes em Novembro de 1839 para apresentar o projeto de uma nova Congregação em Roma.

Após as primeiras descobertas das realidades romanas, e depois do abandono pelo seu companheiro de viagem, Libermann encontrou-se sozinho, insistindo e esperando o reconhecimento da fundação da Congregação. Ele escreveu então o que poderia ser uma Regra para os missionários, se

Deus quiser... Foi esta Regra¹ que ele apresentou e comentou a partir de Setembro de 1841 aos seus noviços. Vários deles tomaram notas substanciais deste ensino (por vezes chamadas ‘glosa’), que é retomado na presente novena.

Seleccionámos uma série de ensinamentos de Libermann da segunda parte da Regra, capítulo 8, intitulada “Zelo Apostólico”. Este capítulo corresponde em grande parte à especificidade do espírito missionário que pretendia transmitir aos seus noviços e desenvolver neles.

O conteúdo da novena

Para cada dia proporemos cinco partes: 1) um texto da Palavra de Deus, 2) um comentário sobre a Regra de Francisco Libermann de acordo com as notas tomadas pelos seus noviços, 3) uma referência à atual Regra de Vida Espiritana, 4) um “eco hoje” retirado essencialmente dos ensinamentos do Papa Francisco, e, finalmente, 5) como oração final, a seguinte oração para pedir a beatificação do Venerável Padre:

Pai Santo, vós sois magnífico no vosso amor;

**concedei-nos a graça de ver confirmado pela Igreja o belo
testemunho de fé e santidade que Francisco Libermann nos
deixou.**

¹ *Regra provisória dos Missionários (do Sagrado Coração de Maria) de Libermann, Texto e Comentário, Pro manuscripto, 1967, XXII p. + 231 p. (com uma Introdução de Fr. François Nicolas)*
O capítulo sobre “zelo apostólico” encontra-se nas pp. 143-168. Este texto foi por vezes adaptado por nós na sua pontuação, de modo a facilitar a sua leitura.

**Iluminados pelo seu testemunho missionário, sentimo-nos
impelidos pelo Espírito a proclamar a Boa Nova da salvação
com um novo zelo.**

**Concedei-nos, pedimos-vos, através do Sagrado Coração de
Maria, a sua beatificação e as graças que imploramos pela
sua intercessão. Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Ámen.**

Dia 1

O zelo caracteriza o missionário

Palavra de Deus: Mc 16:14-20

“Zelo apostólico”:

Cada congregação na Igreja tem o seu espírito particular de acordo com o objetivo que se propõe. Os Trapistas, por exemplo, têm um espírito de penitência, os Cartuxos um espírito de oração. Nós, assim como as outras congregações de missionários, reunidos com o objetivo de salvar almas, devemos ter um espírito apostólico. Não devemos, portanto, assumir os hábitos dos cartuxos, mas aqueles que nos devem formar para a vida apostólica. Agora para isso, o grande meio é ter os nossos olhos fixos em Nosso Senhor na sua vida de ministério e nos apóstolos: estes são os nossos modelos (...)

O espírito apostólico é essencialmente um espírito de sacrifício, e toda a religião se encontra em sacrifício. No que, de facto, consiste a religião: na adoração, no amor e no sacrifício. Agora as duas primeiras coisas, amor e adoração, devem ser encontradas eminentemente no sacrifício que se faz de pura caridade e em cada momento da vida de tudo o que se tem para obter para os adoradores de Deus em espírito e em verdade. É por isso que a vida apostólica está assente sobre a vida contemplativa.

Além disso, para se ter um verdadeiro zelo apostólico, é preciso ter superado todas as faltas, pois todas elas são

obstáculos ao espírito de sacrifício que lhe é essencial: isto mostra que o espírito apostólico exige e pressupõe uma grande perfeição.

Regra Provisória, Parte 2, Capítulo 8 “Sobre o Zelo Apostólico”, comentário sobre o art. 1

Regra da Vida Espiritana, nº 1:

‘Enviado pelo Pai e consagrado pelo Espírito Santo, Jesus Cristo veio salvar todos os homens. O mesmo Cristo prossegue hoje no mundo esta missão de salvação, da qual a Igreja é o sacramento. É no coração do Povo de Deus e entre outras vocações, múltiplas e diversas, suscitadas pelo Espírito Santo, que nós, espiritanos, somos chamados pelo Pai e ‘segregados’ (Cf. Act 13,2) para anunciar a Boa Nova do Reino, no seguimento de Seu Filho’.

Eco hoje:

‘Toda a vida de Jesus, a sua forma de tratar os pobres, os seus gestos, a sua coerência, a sua generosidade simples e quotidiana e, finalmente, a sua total dedicação, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal. Todas as vezes que alguém volta a descobri-lo, convence-se de que é isso mesmo o que os outros precisam, embora não o saibam: «Aquele que venerais sem O conhecer, é Esse que eu vos anuncio» (Act 17, 23). Às vezes perdemos o entusiasmo pela missão, porque esquecemos que o Evangelho *dá resposta às necessidades mais profundas* das pessoas, porque todos fomos criados para aquilo que o Evangelho nos propõe: a amizade com Jesus e o

amor fraterno. Quando se consegue exprimir, de forma adequada e bela, o conteúdo essencial do Evangelho, de certeza que essa mensagem fala aos anseios mais profundos do coração: «O missionário está convencido de que existe já, nas pessoas e nos povos, pela acção do Espírito, uma ânsia – mesmo se inconsciente – de conhecer a verdade acerca de Deus, do homem, do caminho que conduz à libertação do pecado e da morte. O entusiasmo posto no anúncio de Cristo deriva da convicção de responder a tal ânsia’².

O entusiasmo na evangelização funda-se nesta convicção. Temos à disposição um tesouro de vida e de amor que não pode enganar, a mensagem que não pode manipular nem desiludir. É uma resposta que desce ao mais fundo do ser humano e pode sustentá-lo e elevá-lo. É a verdade que não passa de moda, porque é capaz de penetrar onde nada mais pode chegar. A nossa tristeza infinita só se cura com um amor infinito.

Papa Francisco, *A Alegria do Evangelho* (Encíclica *Evangelii Gaudium*), 2013, nº 265.

Oração para a beatificação do Padre Libermann

² Papa João Paulo II, *A Missão do Redentor* (*Redemptoris Missio*), 1991, nº 45.

Dia 2

Deus Amoroso

Palavra de Deus: Mt 22,34-40 (ou 1 Cor 13,1-7)

“Três maneiras de amar a Deus”:

Deve ser feita uma distinção entre amor sensível, amor afetivo puro e amor sacrificial.

O primeiro afeta os sentidos de tal forma que se experimenta uma alegria sensível e uma atração sensível por tudo o que diz respeito a Deus. O amor sensível é útil aos principiantes para os levar a Deus, mas é acompanhado neles por muita imperfeição. Eles não têm as virtudes na sua perfeição e solidez, nem humildade, nem mansidão (...). A razão é que as suas virtudes residem principalmente nos seus sentimentos e não têm raízes profundas nas profundezas da sua alma. E nada é mais falso do que a opinião de que a piedade consiste no sentimento. (...) É por isso que um missionário que parte deve deixar de estar sob a influência deste amor emocional.

O amor afetivo reside no coração e consiste num afeto íntimo e verdadeiro, independente dos sentidos e da forma como estes são impressionados. (...) Consiste naquele afeto sensível que se sente por Deus, de modo a ser sensivelmente tocado por tudo o que lhe diz respeito. Este amor afetivo leva-nos a amar coisas sagradas e a fugir de diversões vãs e sociedades mundanas. Conduz à humildade e modéstia. Este amor é, portanto, muito bom, e é preciso esforçar-se por mantê-lo no

coração: o nosso Senhor foi o modelo deste amor afetivo na sua vida privada.

Na sua vida ativa, ele foi o modelo do amor de generosidade e sacrifício que é especialmente necessário para os missionários. O amor sacrificial é um amor que nos leva a imolarmo-nos e a sacrificarmo-nos incessantemente por aquele que amamos.

Regra Provisória, Parte 2, Capítulo 8 “Sobre o Zelo Apostólico”, comentário³ sobre o art. 4.

Regra da Vida Espiritana, nº 5:

‘Tomando Maria como modelo, vivemos a nossa missão na docilidade ao Espírito Santo. Este estado habitual de fidelidade às inspirações do Espírito, a “união prática” de que fala Libermann⁴, é a fonte do nosso “zelo apostólico” e conduz-nos à disponibilidade e ao dom total de nós mesmos’.

Eco hoje:

‘Unidos a Jesus, procuramos o que Ele procura, amamos o que Ele ama. Em última instância, o que procuramos é a glória do Pai, vivemos e agimos «para que seja prestado louvor à glória da sua graça» (Ef 1, 6). Se queremos entregar-nos a sério e com perseverança, esta motivação deve superar toda e qualquer

³ A ordem das frases foi ligeiramente alterada para facilitar a sua leitura.

⁴ Ver *Notas e Documentos*, XIII, pp. 699-706.

outra. O movente definitivo, o mais profundo, o maior, a razão e o sentido último de tudo o resto é este: a glória do Pai que Jesus procurou durante toda a sua existência. Ele é o Filho eternamente feliz, com todo o seu ser «no seio do Pai» (Jo 1, 18). Se somos missionários, antes de tudo é porque Jesus nos disse: «A glória do meu Pai [consiste] em que deis muito fruto» (Jo 15, 8). Independentemente de que nos convenha, interesse, aproveite ou não, para além dos estreitos limites dos nossos desejos, da nossa compreensão e das nossas motivações, evangelizamos para a maior glória do Pai que nos ama’.

Papa Francisco, *A Alegria do Evangelho* (Encíclica *Evangelii Gaudium*), 2013, nº 267.

Oração para a beatificação do Padre Libermann

Dia 3

O verdadeiro zelo é vivido em paz

Palavra de Deus: Jo 15:1-8.

“Verdadeiro e falso zelo”:

Uma ilusão muito comum sobre a natureza do zelo é imaginar um homem zeloso como alguém que está sempre em movimento, sempre numa efervescência sensível, sempre fora de si (...). Imagina-se a alma do missionário como um navio que navega sob vela cheia, cujas velas são o espírito do missionário em que o Espírito Santo sopra. Estamos enganados, as velas são a vontade. Quanto ao espírito, precisa da graça de um piloto para dirigir o seu curso.

O verdadeiro zelo consiste numa caridade ardente e pura, e consequentemente não é na imaginação que devemos procurá-lo. O que distingue o verdadeiro zelo do zelo que é apenas um reflexo da imaginação ou do natural é que o verdadeiro zelo é acompanhado de calma, mansidão, humildade e constância no meio de dificuldades. O zelo imaginário, por outro lado, confunde a alma e inspira sentimentos de elevação e vaidade, levando aqueles que o têm a comparar-se com os homens apostólicos mais eminentes, a fazer grandes planos imaginários, a construir castelos em Espanha, a atrair a estima dos outros, a falar de si próprios. Também conduz ao amargor, à exclamação e à raiva contra os

autores do mal, ao desânimo, se tudo não for bem sucedido de acordo com os pontos de vista que a imaginação elaborou.

O verdadeiro zelo, pacífico, humilde e constante, santifica a alma; não se irrita, mas leva-nos a rezar pelas almas que estão em pecado, a oferecer-se a Deus por elas, e a suportar o castigo dos seus crimes. O outro não santifica. O missionário que é animado pelo primeiro, une-se cada vez mais a Deus, e age cada vez mais constantemente por Deus; aquele que é animado pelo segundo, pelo contrário, afasta-se de Deus, porque está ocupado apenas com os fantasmas da sua imaginação, e perde a paz, e já não encontra gosto na oração. (...) Esta é a marca de um verdadeiro zelo: tem-se paz na alma.

*Regra Provisória, 2ª Parte, Cap. 8 “Sobre o Zelo Apostólico”,
comentário sobre os artigos 8º e 9.*

Regra da Vida Espiritana, n° 88:

‘Na esteira de Libermann, procuramos viver a tensão entre oração e acção, inerente a toda a vida cristã, na “união prática”, estado habitual de fidelidade aos impulsos do Espírito Santo. Esta ‘união’ é como um instinto do coração naquele que fez o sacrifício de si mesmo a fim de ‘ ser livre para se ocupar dos outros e os conduzir a Deus’(N.D. XIII, 708). Deste modo, as nossas alegrias, dificuldades e sofrimentos, as obras de zelo e os próprios reveses são vividos no Espírito de Deus’.

Eco hoje :

‘O problema não está sempre no excesso de actividades, mas sobretudo nas actividades mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a acção e a torne desejável. Daí que as obrigações cansem mais do que é razoável, e às vezes façam adoecer. Não se trata duma fadiga feliz, mas tensa, gravosa, desagradável e, em definitivo, não assumida. Esta acédia pastoral pode ter origens diversas: alguns caem nela por sustentarem projectos irrealizáveis e não viverem de bom grado o que poderiam razoavelmente fazer; outros, por não aceitarem a custosa evolução dos processos e querem que tudo caia do Céu; outros, por se apegarem a alguns projectos ou a sonhos de sucesso cultivados pela sua vaidade; outros, por terem perdido o contacto real com o povo, numa despersonalização da pastoral que leva a prestar mais atenção à organização do que às pessoas, acabando assim por se entusiasmarem mais com a «tabela de marcha» do que com a própria marcha; outros ainda caem na acédia, por não saberem esperar e quererem dominar o ritmo da vida. A ânsia hodierna de chegar a resultados imediatos faz com que os agentes pastorais não tolerem facilmente o que signifique alguma contradição, um aparente fracasso, uma crítica, uma cruz’.

Papa Francisco, *A Alegria do Evangelho* (Encíclica *Evangelii Gaudium*), 2013, nº 82.

Oração para a beatificação do Padre Libermann

Dia 4

Aprender a reconhecer os sinais do verdadeiro zelo

Palavra de Deus: Lc 9,18-25

“Os sinais do verdadeiro zelo”:

O zelo puro é um efeito da graça, um movimento de Deus, e por isso a sua ação deve estar em conformidade com a de Deus: forte e, ao mesmo tempo, pacífica (...). A ânsia e confusão que são a marca de um zelo que não é perfeito, provêm de duas causas:

- A pessoa inclina-se sobre si própria em vez de se apoiar em Deus, colocando a sua confiança apenas nele e agindo sob a dependência da sua graça e do seu Espírito Santo. É por isso que temos medo de perder uma oportunidade, um meio humano, estamos com pressa, estamos agitados. Devemos portanto trabalhar para renunciar a nós próprios, ao nosso espírito, à nossa vontade, e praticar a rendição à orientação do nosso Deus.

- A segunda causa da imperfeição do nosso zelo são os nossos defeitos naturais: num caso a vivacidade, no outro a dureza, etc. Temos de trabalhar para os superar. Temos de trabalhar para os ultrapassar. Não devemos ficar surpreendidos ou perturbados ao vê-los em nós, ao vermo-nos cheios deles, mas devemos depositar a nossa confiança na graça de Deus e combatê-los com constância. Nem devemos ser incomodados por uma falha ou uma fuga; isto não é um grande mal, desde

que não deixemos de lutar. Se tivermos de evitar cuidadosamente a atividade e a pressa, devemos também evitar cuidadosamente a lentidão e os defeitos que se opõem ao acima exposto. Esta lentidão provém de um defeito natural ou de uma procura mal ordenada de devoção e recordação sensível. (...)

Se queremos tomar medidas para evitar o afrouxamento, estas medidas são para ficar em paz de coração e humildade. Externamente, ou seja, não só na nossa conduta que aparece aos homens, mas em tudo o que fazemos pela salvação das almas, a nossa ação deve ser viva; mas o nosso interior deve estar unido a Deus, não se trata aqui de uma união sensata, nem do pensamento contínuo de Deus.

Esta união verdadeira e necessária do missionário consiste em duas coisas:

- agindo unicamente para Deus (pureza de intenção);
- Além disso, preservar a facilidade de ir a Deus, de elevar o nosso coração a Ele, o que devemos fazer simplesmente de vez em quando, sem querer ter o sentimento contínuo da Sua presença.

*Regra Provisória, Parte 2, Cap. 8 “Sobre o Zelo Apostólico”,
comentário sobre os artigos 8º e 9.*

Regra de Vida Espiritana, nº 8:

‘O Espírito de Cristo Ressuscitado, atuando na Igreja e no mundo, anima e guia toda a nossa vida apostólica. Esta vida, de facto, “encerra em si mesma a perfeição da vida de Nosso Senhor, que lhe serve de modelo’ (Glosa 7).

Eco hoje:

‘Hoje que a Igreja deseja viver uma profunda renovação missionária, há uma forma de pregação que nos compete a todos como tarefa diária: é cada um levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos. É a pregação informal que se pode realizar durante uma conversa, e é também a que realiza um missionário quando visita um lar. Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho’.

Papa Francisco, *A Alegria do Evangelho* (Encíclica *Evangelii Gaudium*), 2013, nº 127

Oração para a beatificação do Padre Libermann

Dia 5

Zelo e gentileza

Palavra de Deus: Romanos 6:3-13

“Aquilo que impede a mansidão de ser vivida”:

Um zelo que não é acompanhado de gentileza pode ser encontrado com muitos defeitos.

Em primeiro lugar, como é evidente com a violência, que é o oposto de gentileza, e em segundo lugar, de partidarismo: apoia-se uma boa causa, apoia-se com calor, mas não se apoia puramente por amor a Deus, mas por amor próprio: não se quer levar a melhor sobre ela. Então a paixão envolve-se, e corre-se o risco de fazer mal à religião pela forma apaixonada como se exerce este zelo, e que é bem sentida e censurada pelos próprios inimigos da religião. Daqui deriva também a amargura com que se age em relação ao próximo. Finalmente, a alma, estando preocupada com uma só paixão, muitas vezes negligencia todo o resto, e então pode acontecer que o mesmo homem que defende a religião com zelo ardente tenha ele próprio muitas misérias e cometa muitos pecados.

Esta falta de doçura é muito prejudicial para o bem das almas, pois sempre que mostramos amargura ou raiva, podemos bem contar com o facto de que aqueles com quem lidamos desta forma serão advertidos contra nós, colocar-se-ão na defensiva e nunca ou quase nunca se renderão.

Regra Provisória, Parte 2, Capítulo 8 “Sobre o Zelo Apostólico”, comentário sobre o art. 11.

Regra da Vida Espiritana, nº 51:

‘O chamamento à vida religiosa apostólica é uma graça do Espírito Santo, que nos convida ao dom total de nós mesmos, ao serviço da Igreja na Congregação’.

Eco hoje:

«Felizes os mansos, porque possuirão a terra».

‘Paulo designa a mansidão como fruto do Espírito Santo (cf. *Gal* 5, 23). E, se alguma vez nos preocuparem as más ações do irmão, propõe que o abordemos para corrigi-lo, mas «com espírito de mansidão, [lembrando-nos:] e tu olha para ti próprio, não estejas também tu a ser tentado» (*Gal* 6, 1)». Mesmo quando alguém defende a sua fé e as suas convicções, deve fazê-lo com mansidão (cf. *1 Ped* 3, 16), e os próprios adversários devem ser tratados com mansidão (cf. *2 Tm* 2, 25). Na Igreja, erramos muitas vezes por não ter acolhido este apelo da Palavra divina’.

Papa Francisco, Sobre o Apelo à Santidade no Mundo Presente. (Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*), 2018, nº 73.

Oração para a beatificação do Padre Libermann

Dia 6

Gentileza, dom do Espírito

Palavra de Deus: Gal 5:13-26

“Gentileza, uma virtude apostólica”:

Para fazer o bem às almas, devemos conquistar corações, e é através da doçura que os conquistaremos. A doçura é, portanto, uma virtude apostólica, e uma falha cometida por falta de doçura é demasiado difícil de reparar. Uma palavra de amargura, um acto de violência, uma vez passada, já não estão no nosso poder. É muito importante trabalhar na sua aquisição.

A falta de doçura pode vir do nosso carácter, da tenacidade das nossas ideias e do nosso amor-próprio, razão pela qual devemos fazer todos os esforços para superar esta falha de carácter se a temos, e sobretudo para nos habituarmos a renunciar ao nosso amor-próprio, que é o nosso maior inimigo e que tende constantemente a fazer-nos elevar acima dos outros e a irritar-nos contra qualquer coisa que seja um obstáculo a esta elevação de nós próprios.

Para termos mansidão devemos morrer para nós próprios, para todas as nossas paixões e para todos os nossos desejos naturais; só então estamos cheios da caridade de Jesus Cristo e agimos apenas pela virtude do seu Espírito divino que é um espírito de paz e mansidão.

Regra provisória, Parte 2, Capítulo 8 “Sobre o Zelo Apostólico”, comentário sobre o art. 11

Regra de Vida Espiritana, nº 86:

‘Na oração, somos purificados e transformados pelo Espírito Santo: os Seus dons e os frutos da Sua presença (Gal 5,22-23) tornam-se em nós fonte de equilíbrio humano e espiritual e fecundam toda a nossa vida’.

Eco hoje:

‘Repete frequentemente, de forma negativa: “A Igreja não cresce com proselitismo e a missão da Igreja não é fazer proselitismo”. Porquê tanta insistência? Será para manter boas relações com outras igrejas e preservar o diálogo com outras tradições religiosas?’

O problema do proselitismo não é apenas o facto de contradizer o caminho ecuménico e o diálogo inter-religioso. O proselitismo está presente onde quer que haja a ideia de crescer a Igreja sem a atração de Cristo e sem a obra do Espírito, confiando numa espécie de “discurso aprendido”. Assim, o proselitismo exclui o próprio Cristo da missão, e o Espírito Santo mesmo quando ele afirma falar e agir em nome de Cristo, de uma forma nominalista. O proselitismo é por natureza sempre violento, mesmo quando esconde a sua violência ou o exerce com luvas. Não apoia a liberdade e a gratuidade com que a fé pode ser transmitida, por graça, de pessoa para pessoa. É por isso que o proselitismo não pertence apenas ao passado, à era do colonialismo ou das conversões

forçadas ou conversões obtidas contra a promessa de benefícios materiais. O proselitismo pode existir atualmente, em paróquias, comunidades, movimentos e congregações religiosas’.

Papa Francisco (com Gianni Valente), *Sem Jesus nada podemos fazer. (Ser Missionário no Mundo de Hoje)*, Bayard/Libreria Editrice Vaticana, 2020, 124 p., pp. 53-55.

Oração para a beatificação do Padre Libermann

Dia 7

Os cordeiros não mordem

Palavra de Deus: Lc 10,1-9

“Estou a enviar-vos como cordeiros no meio de lobos”.

O nosso Senhor envia-nos como cordeiros no meio de lobos. Prestemos muita atenção a esta palavra do nosso divino Mestre. Um cordeiro não morde, deixa-se devorar. É assim que temos de agir.

Todos os tipos de calúnias serão espalhadas sobre nós, e nós seremos escritos nos jornais. Poderíamos responder de forma a triunfar e humilhar os nossos adversários, para nos virarmos contra eles a aversão que querem excitar contra nós. Não façamos isto: temos de ser cordeiros: os cordeiros não mordem. Se o interesse de Deus nos exige que respondamos e nos justifiquemos, façamo-lo claramente, mas com mansidão e caridade evangélica, dizendo o que é necessário para defender a verdade e justificarmo-nos, se o interesse de Deus assim o exigir, mas sem atacar os nossos adversários.

Os povos do mundo podem desprezar-nos, mas isto não deve fazer-nos falhar na caridade, na doçura e na conduta que o nosso Senhor nos fez saber que queria que tivéssemos, e pela sua própria conduta, com estas palavras: “Eu envio-vos como cordeiros no meio de lobos”.

Observemos uma grande caridade para com aqueles que nos perseguem:

- primeiro nos nossos corações, desejando-lhes felicidades;
- em segundo lugar, nas nossas palavras: nunca falemos mal deles, nem mesmo entre nós, pois isso só serviria para amargar os nossos corações;
- Finalmente, nas nossas ações: se estivermos em contacto com estas pessoas, tratemo-las com cuidado, mas sem afetação, pois esta afetação poderia produzir danos, ser interpretada de forma errada, e passar por hipocrisia. (...)

Regra provisória, Parte 2, Capítulo 8 “Sobre o Zelo Apostólico”, comentário sobre o art. 12 .

Regra de Vida Espiritana, n° 9:

‘O Espírito derrama em nossos corações o amor do Pai (cf. Rom 5,5), que suscita em nós o zelo apostólico. Este manifesta-se por um grande desejo de ver este amor estabelecer-se em todos os homens’.

Eco hoje:

‘A mansidão é outra expressão da pobreza interior, de quem deposita a sua confiança apenas em Deus. De facto, na Bíblia, usa-se muitas vezes a mesma palavra *anawin* para se referir aos pobres e aos mansos. Alguém poderia objetar: «Mas, se eu

for assim manso, pensarão que sou insensato, estúpido ou frágil». Talvez seja assim, mas deixemos que os outros pensem isso. É melhor sermos sempre mansos, porque assim se realizarão as nossas maiores aspirações: os mansos «possuirão a terra», isto é, verão as promessas de Deus cumpridas na sua vida. Porque os mansos, independentemente do que possam sugerir as circunstâncias, esperam no Senhor, e aqueles que esperam no Senhor possuirão a terra e gozarão de imensa paz (cf. *Sal* 37/36, 9.11). Ao mesmo tempo, o Senhor confia neles: «é nos humildes de coração contrito que os meus olhos se fixam, pois escutam a minha palavra com respeito» (*Is* 66, 2). Reagir com humilde mansidão: isto é santidade’.

Papa Francisco, *Sobre o apelo à santidade no mundo de hoje*. (Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*), 2018, nº 74.

Oração para a beatificação do Padre Libermann

Dia 8

Ousadia e prudência

Palavra de Deus: Mt 10,16-25

“A prudência não se opõe à ousadia:

É necessária uma audácia santa baseada na confiança em Deus para que o missionário trabalhe eficazmente para a glória de Deus. Mas esta audácia deve ser guiada pela prudência, caso contrário estragará tudo, destruirá em vez de se acumular. É por isso que não nos devemos deixar levar por um ardor que nos leva a agir cegamente. Quando nos sentimos levados por este ardor, vindo da imaginação ou de dentro de nós, devemos, antes de agir, acalmar este movimento impetuoso, recolher-nos perante Deus, colocar-nos em paz se pudermos, ou pelo menos acalmar, suavizar esta vivacidade que agita a alma, e depois consultar o Espírito de Deus, o Espírito do nosso Senhor, em oração, a fim de agir com aquela santa prudência com que Ele próprio agiu. Esta santa prudência deve ser como um piloto que dirige todos os movimentos do seu zelo.

Regra provisória, Parte 2, Capítulo 8 “Sobre o Zelo Apostólico”, comentário sobre o art. 17

Regra de Vida Espiritana, nº 85:

‘É o Espírito de Cristo que “vem em auxílio da nossa fraqueza” (Rom 8,26), nos conduz pelos caminhos da Missão e ora no fundo dos nossos corações. Somos verdadeiramente apóstolos,

na medida em que nos entregamos inteiramente a Ele em toda a nossa vida’.

Eco hoje:

‘Nesta pregação, sempre respeitosa e amável, o primeiro momento é um diálogo pessoal, no qual a outra pessoa se exprime e partilha as suas alegrias, as suas esperanças, as preocupações com os seus entes queridos e muitas coisas que enchem o coração. Só depois desta conversa é que se pode apresentar-lhe a Palavra, seja pela leitura de algum versículo ou de modo narrativo, mas sempre recordando o anúncio fundamental: o amor pessoal de Deus que Se fez homem, entregou-Se a Si mesmo por nós e, vivo, oferece a sua salvação e a sua amizade. É o anúncio que se partilha com uma atitude humilde e testemunhal de quem sempre sabe aprender, com a consciência de que esta mensagem é tão rica e profunda que sempre nos ultrapassa. Uma vez exprime-se de maneira mais directa, outras através dum testemunho pessoal, uma história, um gesto, ou outra forma que o próprio Espírito Santo possa suscitar numa circunstância concreta. Se parecer prudente e houver condições, é bom que este encontro fraterno e missionário conclua com uma breve oração que se relacione com as preocupações que a pessoa manifestou. Assim ela sentirá mais claramente que foi ouvida e interpretada, que a sua situação foi posta nas mãos de Deus, e reconhecerá que a Palavra de Deus fala realmente à sua própria vida’.

Papa Francisco, *A Alegria do Evangelho* (Encíclica *Evangelii Gaudium*), 2013, nº 128.

Oração para a beatificação do Padre Libermann

Paciência, uma virtude apostólica

Palavra de Deus: Actos 15:41-16:10

“Paciência e obstáculos”:

Temos de saber curvar-nos às circunstâncias e não nos tornarmos rígidos contra obstáculos que esperamos ser impossíveis de remover. Caso contrário, em vez de construir, destruimos e quebramos o que já está de pé, tal como na natureza a árvore que não se dobra sob um vento forte é arrancada ou quebrada. São Paulo dá-nos um exemplo desta regra de prudência. Quando o seu ministério é interrompido e impedido num lugar, ele vai para outro. E o próprio Nosso Senhor quis dar um exemplo disto, embora pudesse ter feito luz sobre todos os obstáculos levantados pela malícia dos homens: assim, como eles queriam matá-lo na Judeia antes do tempo fixado pelo seu pai para a sua paixão, ele foi para a Galileia. Foi também isto que ele disse aos seus discípulos para fazerem: se não forem recebidos numa cidade, vão para outra. Não devemos ter vergonha de desistir de um projeto durante algum tempo.

Há duas coisas a evitar em relação aos obstáculos:

- 1) ficar irritado e rígido contra estes obstáculos, quando estes são oralmente intransponíveis;
- 2) abandonar uma empresa inteiramente devido a dificuldades que nem sempre serão as mesmas ou sempre intransponíveis.

Sejamos constantes, não abandonemos facilmente um empreendimento, uma vez que o tenhamos iniciado depois de consultarmos Deus. Se ainda não chegou o momento, esperemos com paciência. A paciência é uma virtude apostólica e muito importante.

Regra provisória, Parte 2, Capítulo 8 “Sobre o Zelo Apostólico”, comentário sobre o art. 21

Regra de Vida Espiritana, 44.1 e 44.2:

Para exercermos um verdadeiro discernimento, permanecendo fiéis às exigências da nossa vocação espiritana, pomo-nos à escuta do que o Espírito Santo diz hoje,

- pela nossa Igreja local,*
- pela Igreja universal,*
- pelo meio humano e pelo mundo em que vivemos.*

Esta procura faz-se sempre em diálogo e oração, à luz da Palavra de Deus’.

Eco hoje:

‘Quando mais precisamos dum dinamismo missionário que leve sal e luz ao mundo, muitos leigos temem que alguém os convide a realizar alguma tarefa apostólica e procuram fugir de qualquer compromisso que lhes possa roubar o tempo livre. Hoje, por exemplo, tornou-se muito difícil nas paróquias conseguir catequistas que estejam preparados e perseverem no seu dever por vários anos. Mas algo parecido acontece com os sacerdotes que se preocupam obsessivamente com o seu

tempo pessoal. Isto, muitas vezes, fica-se a dever a que as pessoas sentem imperiosamente necessidade de preservar os seus espaços de autonomia, como se uma tarefa de evangelização fosse um veneno perigoso e não uma resposta alegre ao amor de Deus que nos convoca para a missão e nos torna completos e fecundos. Alguns resistem a provar até ao fundo o gosto da missão e acabam mergulhados numa acédia paralisadora.

Papa Francisco, *A Alegria do Evangelho* (Encíclica *Evangelii Gaudium*), 2013, nº 81.

Oração para a beatificação do Padre Libermann



MISSÃO ESPIRITANA
2022 - 2024